

REDE DE ENSINO DOCTUM
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Unidade Serra

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA MODERNA NA GRANDE VITÓRIA-ES

Lorrana Xavier¹

Juliana Azevedo de Almeida²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo principal descrever a história da capoeira contemporânea na Grande Vitória-ES. Para isso, seguiu os objetivos específicos: a) fazer um levantamento bibliográfico sobre a história da capoeira contemporânea no Brasil; b) realizar levantamento bibliográfico sobre a história da capoeira contemporânea na Grande Vitória-ES; c) entrevistar mestres de capoeira que foram pioneiros em ministrar aulas na Grande Vitória. Diante disso, utilizou-se como metodologia a pesquisa de campo de cunho exploratório. A coleta de dados foi realizada por meio de três trabalhos acadêmicos, de entrevistas e de conversa informal com mestres. Concluiu que a história da capoeira contemporânea capixaba é permeada por disputas simbólicas entre os primeiros mestres que ministraram aulas na região e pelos grupos de capoeira pioneiros; pelo resgate de tradições mais antigas da capoeira, mas com um certo distanciamento da religiosidade afrobrasileira; por rodas e encontros de capoeiristas mais oficiais e institucionalizados do que outrora.

PALAVRAS CHAVE: História. Capoeira. Grande Vitória.

ABSTRACT

This article aims to describe the history of contemporary capoeira in Grande Vitória-ES. For this, it followed the specific objectives: a) to carry out a bibliographical survey on the history of contemporary capoeira in Brazil; b) carry out a bibliographical survey on the history of contemporary capoeira in Grande Vitória-ES; c) interviewing capoeira masters who were pioneers in giving classes in Grande Vitória. Therefore, the exploratory field research was used as a methodology. Data collection was carried out through three academic works, interviews and informal conversation with teachers. He concluded that the history of contemporary capoeira in Espírito Santo is permeated by symbolic disputes between the first masters who taught in the region and by the pioneer capoeira groups; for the recovery of older capoeira traditions, but with a certain

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Educação Física da Rede Doctum.

² Orientadora.

distance from Afro-Brazilian religiosity; by circles and meetings of more official and institutionalized capoeiristas than before.

Key Words: History. Capoeira. Grande Vitória.

INTRODUÇÃO

Por ser uma prática popular, a capoeira agrega elementos culturais dos contextos onde é praticada. Por isso, na atualidade, ela se apresenta bem diferente de quando se desenvolveu no Brasil do século XVIII ou XIX (SOARES, 2004; ABREU, 2005).

Compreendemos este fato, praticando a capoeira por mais de uma década e aprofundando os estudos acerca da sua história na disciplina de “Capoeira e Lutas” do curso de Educação Física da Rede Doctum, ministrada pela professora Juliana Azevedo de Almeida no ano de 2019.

Compreender sobre sua formação e analisar seus aspectos de luta e de manifestação cultural nos instigaram a querer saber mais sobre ela. Ao buscar informações sobre a capoeira que praticamos hoje no Espírito Santo, encontramos duas³ pesquisas publicadas, especificamente, sobre o tema. O artigo de Almeida (2020) não detalha sobre a história da capoeira capixaba, mas sim, sobre as suas (im) possíveis relações com o candomblé e o trabalho de Oliveira (2019) traz mais informações acerca dessa história e nos serviu bastante como fonte de dados.

Diante disto, resolvemos pesquisar o percurso histórico da capoeira moderna⁴ na Grande Vitória-ES. Para tanto, definimos os seguintes objetivos específicos: a) fazer um levantamento bibliográfico sobre a história da capoeira moderna (ou capoeira contemporânea) no Brasil; b) realizar levantamento bibliográfico

³ Usamos um outro artigo (FILGUEIRAS, 2003) para coletar informações sobre a história da capoeira capixaba, no entanto, ele não trata especificamente disso, e sim, sobre a história do grupo Beribazu.

⁴ Chamamos de “capoeira moderna” ou “capoeira contemporânea” a capoeira que é praticada atualmente. Este não é um estilo de capoeira, como a Angola e a Regional. É uma mistura de elementos desses dois estilos, trazendo, ainda, características de esportivização. Mais adiante explicaremos com mais detalhes.

sobre a história da capoeira na Grande Vitória-ES; c) entrevistar mestres de capoeira que foram pioneiros em ministrar aulas na Grande Vitória.

Cabe ressaltar que a Grande Vitória compreende os municípios de Serra, Vila Velha, Cariacica, Guarapari, Viana, Fundão e Vitória. Buscando reconstruir a história dessa manifestação registramos a narrativa de alguns mestres mais antigos como mestre Luiz Paulo, mestre Odilon e mestre Fábio.

Justificamos esta pesquisa pela importância de mais registros históricos acerca dessa manifestação carregada de elementos culturais brasileiros e que tem se propagado por todo o mundo. Compreender a história da capoeira e analisar seus traços culturais nos possibilita compreender a história de formação do nosso próprio povo.

METODOLOGIA

Este trabalho se classifica como pesquisa de campo de cunho exploratório, pois visa explorar a história da capoeira da Grande Vitória – ES que não possui muitos registros sistematizados até a atualidade. Gil explica:

Essas pesquisas têm como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. [...] Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (2002, p. 41).

Embora não tenhamos encontrado muitos documentos da capoeira no Espírito Santo, resolvemos investigar somente a região da Grande Vitória por causa do tempo e dos recursos limitados para o desenvolvimento da pesquisa. Por residirmos no município de Serra – ES, a reconstrução da capoeira da Grande Vitória foi uma tarefa mais viável. Cabe dizer que conseguimos dois trabalhos acadêmicos que trazem alguns fatos sobre a história pesquisada.

Entramos em contato, via telefone e *whatsapp*,⁵ com inúmeros mestres que implantaram ou eram alunos dos que implantaram a capoeira na Grande Vitória. Eles foram escolhidos por residir na Grande Vitória e por facilidade de contato. Cabe ressaltar que alguns não quiseram participar da pesquisa e outros, com o avanço da COVID-19, ficaram indisponíveis para nos conceder entrevista. Um fato que lamentamos muito e que dificultou bastante a nossa coleta de dados foi o falecimento do mestre Luiz Paulo, o mais antigo mestre em atuação da Grande Vitória. Depois disso, mestres que já haviam confirmado conosco, desistiram.

Tentamos, com aqueles aceitaram narrar os fatos sobre a capoeira, conseguir registros que comprovassem acontecimentos importantes para capoeira dessa região nos séculos XX e XXI, contudo conseguimos poucos documentos. Mestre Luiz Paulo era o grande detentor de reportagens, fotos e outras fontes que remontavam a história da capoeira na Grande Vitória, desde a década de 60.

As entrevistas foram realizadas via *Google Meet*, as narrativas foram gravadas neste mesmo aplicativo. Os registros documentais concedidos foram registrados por fotografia. Depois, os dados foram analisados, destacando fatos importantes para a construção da história da capoeira moderna da região investigada e interpretadas com base em estudos culturais e históricos da capoeira no Brasil e no mundo.

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL

Para compreendermos a formação histórico-cultural da capoeira no Espírito Santo, mais precisamente na Grande Vitória, é imprescindível conhecermos a história da capoeira no Brasil. Por isso, neste momento, pontuaremos alguns fatos que consideramos importantes para esta compreensão.

Como importantes autores sinalizam, possivelmente, a capoeira se desenvolveu no Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Soares (1994, 2004) relata com detalhes a formação e o desenvolvimento da capoeira no Rio de Janeiro e

⁵ Aplicativo de trocas de mensagens instantâneas via *smartphones*.

defende que o contexto da urbanização brasileira foi terreno fértil para que a capoeira surgisse. Já Abreu (2005) apresenta indícios de que a capoeira pode ter se originado nas fazendas do interior do Rio de Janeiro e, principalmente, do Recôncavo Baiano.

Ainda que não saibamos, com certeza, em qual região do país a capoeira teve origem, sabemos que ela é brasileira. É fato que ela é uma criação de negros africanos escravizados que foram colocados para trabalhar no Brasil e viviam num contexto de exploração, repressão e discriminação. Melhor dizendo, então: ela é afro-brasileira.

O século XIX foi o período em que a capoeira adquiriu mais força e organização enquanto prática dos marginalizados no Rio de Janeiro. Soares (2004) conta que os capoeiras (assim eram chamados os indivíduos que sabiam capoeira) se juntavam em grupos⁶ que tinham certas afinidades culturais e faziam arruaças em comícios políticos, se afrontavam nas ruas e metiam medo na população da capital do império português. Essa situação fez com que no final desse século a capoeira fosse enquadrada no código penal brasileiro como crime e os governantes da época fizeram de tudo para que essa prática violenta fosse esquecida da história do Brasil (ALMEIDA, 2008).

Ainda assim, a capoeira persistiu. No Rio de Janeiro sua atuação foi bem abafada, contudo artistas da época passaram a exaltar a capoeira baiana como mais bela, pura e original. O contexto brasileiro do início do século XX foi um cenário profícuo para a elite intelectual valorizar a cultura popular do Nordeste como mais nacional, menos influenciada pela cultura europeia (ALMEIDA, 2008).

Acontecia que os escravos estavam libertos (desde 1888), a República foi instaurada (em 1889) e então, o Brasil iniciou um processo de construção de sua identidade nacional. Enquanto o Estado queria embranquecer a nação, utilizando-se de medidas higiênicas e eugênicas para isso, os intelectuais investiram na mestiçagem do povo brasileiro como marca identitária do nosso

⁶ Esses grupos de indivíduos (que não eram somente negros escravos, mas também, negros libertos, livres e imigrantes pobres, em sua maioria) eram chamados de maltas de capoeiras.

país. Para isso, passaram a valorizar manifestações como o samba e a capoeira como símbolos de brasilidade (VIANNA, 2004).

Ainda que a capoeira carioca não estivesse “morta”, o foco passa a ser a capoeira baiana. Na década de 30 do século passado, mestre Bimba lança em Salvador, um novo “estilo” de capoeira, intitulada por ele de Regional. Bimba, já praticante de capoeira, cria um novo modo de treinar e jogar, alegando que a capoeira baiana estava muito folclorizada e havia perdido seu caráter de luta. Esse mestre une elementos tradicionais da capoeira com elementos culturais de outras lutas e outros contextos, elaborando uma nova forma de se fazer capoeira (REGO, 1968). Ele enfrentou bastante resistência, principalmente daqueles que jogavam a capoeira mais tradicional.

Antes de Bimba desenvolver uma metodologia de treinamento para a capoeira e registrar a sua academia, essa atividade corporal era ensinada e aprendida na rua. Bimba inicia o processo de esportivização da capoeira e insere elementos muito próprios do contexto vivido pelo país na Era Vargas (1930-1945). Almeida (2008, p.46) observa que “ao mesmo tempo em que ele introjetava na capoeira elementos da modernidade e do cotidiano das classes mais abastadas da sociedade, ele os conciliava com antigas tradições, mediando as influências de um mundo sobre o outro”.

Por outro lado, nesse mesmo contexto, mestre Pastinha, praticante da capoeira tradicional, já a ensinava para universitários (VASSALO, 2003 apud ALMEIDA, 2008). A partir da criação da Regional, o nome “capoeira Angola” passa a caracterizar a prática mais tradicional. Mestre Pastinha, bem relacionado com os artistas daquele tempo, divulga a ideia de que a capoeira Angola é mais pura, pois seria de origem africana. Essa era uma nítida estratégia de demarcação identitária, já que Bimba alegava que seu estilo se chamava “regional” por que a capoeira era da “região” de Salvador, ou seja, brasileira.

Mestre Pastinha também foi um inovador na capoeira. Vassalo conta que

Pastinha nunca deixou de enfatizar o aspecto esportivo da capoeira que ele ensinava, tanto que o nome da sua academia inaugurada e reconhecida pelo governo em 1941 foi Centro Esportivo de Capoeira de Angola. Por meio desse dado, podemos antecipar a “penetração de ideais modernos na capoeira considerada tradicional” (2003 apud ALMEIDA, 2008, p. 47).

Devemos destacar que as inúmeras modificações que a capoeira sofreu por meio de Bimba e Pastinha, bem como de outros mestres e praticantes, foi fundamental para que a capoeira persistisse e fosse aceita por diferentes classes sociais e inserida em diversas instituições brasileiras. Almeida (2020) explica que a capoeira baiana acabou se organizando mais rapidamente do que a capoeira carioca. Isso por que, ela já estava bem articulada com os aparelhos legais e, por isso, se tornou mais “comercial”. Isso é tão verdade que, no senso comum, poucas pessoas conhecem sobre a capoeira marginalizada do Rio de Janeiro, mas se lembram da beleza e da ludicidade da capoeira baiana.

Deste modo, a capoeira baiana, antes dos anos 50 já estava institucionalizada e servia de matriz referencial para todas as “outras” capoeiras (ABREU apud ARAÚJO, 2008). Nesse contexto

[...] os espaços de atuação dessa atividade corporal começaram a ampliar em todo cenário brasileiro. Os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo assistiram a um crescimento da difusão da capoeira entre a juventude das classes médias e a sua adesão às academias onde eram praticadas outras modalidades esportivas e artes marciais. Vieira (1993) conta que vários mestres saíram do nordeste e se estabeleceram em São Paulo, desenvolvendo suas escolas e transformando o estado numa grande potência da capoeira no país; entretanto, foi no Rio de Janeiro que aconteceram significantes inovações nos modos de se praticar e ensinar capoeira. Atuante em novos ambientes e atendendo aos diferentes apelos identitários do mercado, essa manifestação cultural entrou em um novo processo de modificação [...] (ALMEIDA, 2008, p. 50).

Esse novo processo foi marcado pela criação de inúmeros grupos de capoeira, cada um tentando demarcar sua identidade cultural. Dentre eles, merece destaque neste estudo, o Grupo de Capoeira Senzala, criado em 1963 no Rio de Janeiro. Isso, porque, a sua história é um dos marcos para a formação da capoeira que é tão praticada atualmente, chamada neste estudo de “capoeira moderna” ou “capoeira contemporânea”. Os métodos de treinamento desenvolvidos pelo Senzala e a forma de se praticar capoeira misturavam elementos dos estilos Angola e Regional, bem como características da capoeiragem carioca. Essa situação inaugurou um novo caráter de expansão

da capoeira que rompia com a concepção patriarcal da capoeira baiana, já que no “Rio de Janeiro vigorava uma espécie de representação jurídica coletiva, em torno do qual interessados em aprender capoeira se organizavam independentemente” (ARAUJO, 2008, p.59).

Depois da criação da capoeira regional por mestre Bimba, na Bahia, na década de 1930, e do grande sucesso do Grupo Senzala, no Rio, nos anos 60 e 70, paralelamente à criação das federações de capoeira e à realização de campeonatos, parecia que a capoeira angola vivia melancolicamente seus últimos dias. Alguns mestres da velha-guarda da angola continuavam em atividade, e havia até um ou outro jovem angoleiro ensinando, mas completamente obscurecidos pelo sucesso do novo estilo regional-senzala (CAPOEIRA apud ARAÚJO, 2008,p. 66).

Como vemos, neste cenário, a capoeira Angola fica enfraquecida. Todavia, por volta dos anos 90, verificamos o início de um processo de reencantamento com as tradições pelo universo capoeirístico. Almeida (2020) explica que obras literárias, músicas, estudos e discursos de artistas, mestres e praticantes buscaram reaproximar a capoeira de elementos étnicos africanos.

Nesta esteira, a Angola “ressurge” como a capoeira com mais fundamento, espontaneidade, africanidade e filosofia. Aparece, também, mais politizada, defendendo até algumas pautas do Movimento Negro. Nesse período cresce a procura por mestres tradicionais para participar de eventos e ministrar cursos por todo o mundo (ALMEIDA, 2020).

Embora a maioria dos grupos da capoeira moderna incorpore alguns elementos tradicionais em suas identidades, nem tudo lhe parece interessante. Essa forma mais atual de se praticar capoeira é marcada não por um estilo, mas por maneiras de se jogar capoeira e de se utilizar das tradições. “Tudo depende da postura do mestre ou da liderança do grupo, da sua visão de mundo e de sociedade” (ALMEIDA, 2020, p. 22).

Deste modo, caracterizamos a capoeira atual, chamada de “moderna” ou “contemporânea”. E é sobre essa capoeira que trataremos a seguir. No entanto, lançaremos o olhar para a sua implantação e desenvolvimento na

Grande Vitória-ES. As pistas parecem nos orientar para uma formação cheia de elementos culturais do Rio de Janeiro e da Bahia.

A CAPOEIRA NA GRANDE VITÓRIA - ES

Até hoje a capoeira é uma prática permeada pela história oral. Por mais que tenhamos documentos e estudos que buscam remontar a história da capoeira no Brasil, em algumas regiões específicas do nosso país, o conhecimento da história da capoeira local continua sob responsabilidade de mestres e praticantes mais antigos, que narram os acontecimentos aos seus discípulos ou em eventos em que são convidados.

Exemplo disso é a história da capoeira no Espírito Santo. Embora tenhamos mestres pioneiros, ainda vivos, residindo no estado, são escassos os registros que trazem detalhes sobre a chegada e o desenvolvimento da capoeira nessa região. Encontramos duas pesquisas que contam parte dessa história: um estudo de Filgueiras (2003) e outro de Oliveira (2019).

Por isso, iniciaremos a narrativa sobre a história da capoeira na Grande Vitória por meio de um documento da década de 90, intitulado “A história da capoeira no Espírito Santo”.⁷ Esse documento foi apresentado ao mestre Luiz Paulo⁸ em março de 2021, que confirmou sua veracidade. Ele servirá de base para remontarmos a história da capoeira da Grande Vitória em ordem cronológica, juntamente com o que nos foi narrado pelos mestres Odilon e Fábio e as outras duas pesquisas acadêmicas que citamos.

O documento datilografado traz em sua primeira página a continuação de um parágrafo que dissertava sobre a história da capoeira no nosso país. O autor desconhecido, logo a relaciona com a história da capoeiragem no Espírito Santo, esboçando que a situação de miserabilidade do negro aqui, em nosso

⁷ Este documento faz parte do arquivo da orientadora deste estudo, Juliana Azevedo de Almeida. Ele será reproduzido quase que na íntegra, por ser um dos poucos registros que conseguimos sobre os fatos.

⁸ Mestre Luiz Paulo reivindicava ser o mais antigo mestre de capoeira em atividade no Espírito Santo. Faleceu neste ano por complicações provenientes da COVID-19.

estado, não foi diferente do que aconteceu no restante do Brasil. O texto prossegue:

[...] Antigamente havia em Vitória, o hábito de se encerrarem rodas nas portas dos bares, nas favelas, onde dois homens se degladiavam e apostas era feitas. Não havia, no entanto, a presença de música, nem técnica específica, e, ao contrário do que poderia esperar, tais lutas não eram reprimidas pela polícia, que, ao contrário as incentivava. Correm boatos também, nas décadas de 40 e 50, que um baiano, reconhecido com um dos mais importantes nomes da CAPOEIRA no Brasil, Mestre Vicente Ferreira Pastinha, organizou rodas na cidade de São Mateus. Infelizmente não foi possível ir mais fundo na pesquisa destes fatos, para reconhecê-los como verdadeiros e documentá-los.

Após esse trecho, o documento salta para o ano de 1968. Mestre Luiz Paulo alegava ser o mestre mais antigo em atuação no Espírito Santo e dizia ser o maior detentor de documentos sobre a capoeira do ES desde a década de 60 do século XX até os dias atuais. Ele acusava que qualquer outro mestre que dissesse que era o mais antigo, estava mentindo. As fotos a seguir eram do referido mestre, que falava com orgulho do seu dossiê e o apresentava em palestras e em eventos sobre a história/cultura dos negros em várias localidades do país e do mundo. Ele o intitulava de “Maior acervo e dossiê da verdadeira história da capoeira do Espírito Santo”.



Foto 1: Mestre Luiz Paulo e seu dossiê sobre a capoeira do Espírito Santo. Arquivo de mestre Luiz Paulo.



Foto 2: Mestre Luiz Paulo narrando a história da capoeira no Espírito Santo no Museu do Negro em Vitória – MUCANE. Arquivo de mestre Luiz Paulo.

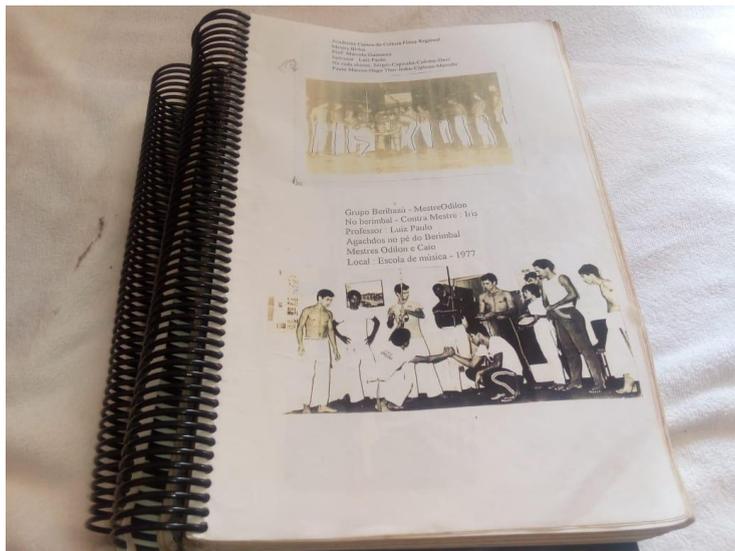


Foto 3: O dossiê sobre a história da capoeira do Espírito Santo. Arquivo de mestre Luiz Paulo.

Voltando ao documento, a narrativa prossegue:

Em 1968, o Sr. Necir Cardoso, capixaba do Morro do Moscoso, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde aprendeu com Paulo Bandeira, de Bonsucesso a CAPOEIRA e logo se apaixonou pela arte. Quando em 1970 retornou ao (sic) [do] Rio, seu irmão, o sambista já falecido Mário César Cardoso, estava inserido na organização da Escola de Samba Unidos da Piedade para o carnaval. O tema escolhido para aquele ano tinha sido a Bahia, e, por conselho de Orlando Bonfim, baiano, não poderia faltar uma ala de candomblé e outra de CAPOEIRA. Candomblé era fácil, mas como conseguiria formar a ala da CAPOEIRA, se na cidade não existia? Foi quando Mário César lembrou-se que seu irmão dominava a arte e o convidou. Necir a

princípio recusou, dizendo que não sabia nada de CAPOEIRA e não seria capaz de arcar com tal responsabilidade. Mas acabaram por convencer Necir a sair na Escola. Só que sozinho ninguém joga CAPOEIRA, então Necir convidou um amigo, Anildo – apelido Salomão, para juntos treinarem e formar a tal ala. Assim foi feito.

Vemos que o primeiro aparecimento oficial da capoeira na Grande Vitória acontece numa ala de Escola de Samba no carnaval capixaba. Nesse ponto o texto se perde. A frase não continua na próxima página, mas conta que um “neguinho” foi convidado para tocar para uma turma e esse “neguinho” é conhecido hoje como mestre Luiz Paulo.

Aqui, devemos destacar, que mestre Luiz Paulo, ao ter contato com esse documento ficou em dúvida se ele mesmo quem o escreveu ou se foi outra pessoa. No entanto, ele diz que essa história, certamente, foi ele quem narrou para um jornal.

Esta história aí é minha! Quem escreveu isso tudo e viveu e vi isso! E não escrevi o que me falaram não... Mas acrescentaram algumas coisas. Essa história fui eu. A primeira história, quem escreveu isso fui eu. Eu fiz essa matéria num jornal em 1976. Eu tenho esse jornal aqui. [...] Eu que lancei essa primeira história. Que até aí nem se falava da história da capoeira do Espírito Santo. Eu que fiz esse relato todinho. Tudo que eu botei aí, Diabo Louro, Binho... Eu tenho isso aqui (conversa informal entre a orientadora e mestre Luiz Paulo, via *whatsapp*, no dia 23 de março de 2021).

Nestes áudios, Mestre Luiz Paulo afirma que o próprio Nerci Cardoso contou para ele sobre a “ala da capoeira” no carnaval capixaba. Ele também diz que Binho – outro importante personagem da história da capoeira na Grande Vitória - narrou para ele sobre a vinda de Diabo Louro para Vitória.

Um estudo de Oliveira, que traz parte da história da capoeira em Vitória, corrobora nossas informações e preenche a lacuna do documento que apresentamos:

O Mestre Odilon chama a atenção para a presença da capoeira desde 1964, ensinada por Coelho (em Jucutuquara, e também ligada ao samba). Mas é a versão contada pelo mestre Luiz Paulo que encontra mais escuta: O capixaba Nerci Cardoso foi o pioneiro que teve contato com a capoeira no Rio de Janeiro, e em 1970, de volta ao Espírito Santo, participou do desfile de carnaval da Escola Unidos da Piedade, que teve como tema a Bahia, ele e seu amigo Salomão representaram a capoeira. A escola venceu, e algumas pessoas passaram a ter interesse em aprender a capoeira. Esses primeiros

capoeiristas tiveram influência do livro de Lamartine Pereira da Costa, “Capoeira sem Mestre”. Por fim, Nerci se afastou da capoeira e Julimar Ferreira Lopes, conhecido como Binho, deu continuidade ao seu trabalho (FILGUEIRAS, 2003 apud OLIVEIRA, 2019, p. 57).

Filgueiras (2003) e Vieira (2016) contam que o sucesso da apresentação de Nerci na escola de samba o incentivou a abrir uma academia de capoeira em Vitória, localizada no Morro da Fonte Grande. A partir desta primeira academia surgiram várias outras em toda a Grande Vitória.

Prosseguindo na cronologia do nosso referido documento, observamos uma narrativa mais consistente referente à década de 70:

Em 1973, chegou em Vitória o baiano Lourival Araújo dos Santos, o Mestre Diabo Louro. Segundo contam, Mestre Louro teria fugido de Salvador por ter atingido um adversário com um golpe mortal, e chegou a cidade “com uma mão na frente e outra atrás”. Zé da Máfia o conheceu e se apressou em levá-lo na roda do Grupo Berimbadu, que nessa época era na Cabana do Clube Rio Branco. Apresentou-se como “um baiano bom de briga”, e logo fez-se à roda para tirar a prova. Mestre Louro então mostrou uma CAPOEIRA muito superior que a do Grupo e venceu a todos. A amizade estava selada. Apresentaram-se a Orlando Bonfim, que o hospedou em sua casa e conseguiu um barracão no Morro do Bonfim para ele dar aula.

Binho notando que ainda faltava muito para aprender, entregou a Academia do Praia Tênis Clube a Diabo Louro, que a batizou de Centro de Cultura Física Regional, tornando-se seu aluno e grande amigo. Foi a partir dessa época, em 1974, que a CAPOEIRA começou a ser melhor vista pela nossa sociedade, embora o preconceito exista até hoje. Com a ajuda da imprensa que escreveu algumas matérias a respeito, a CAPOEIRA conseguiu atingir a pessoas de diversas idades, sexo e condição social. A semente lançada por Necir começa a germinar.

Conforme contava mestre Luiz Paulo, Diabo Louro dizia ser aluno de mestre Pastinha (da capoeira Angola) e de mestre Ezequiel que era discípulo de mestre Bimba (criador da capoeira Regional). Deste modo, Diabo Louro apresentou para os capixabas uma capoeira em duas versões, o que já nos traz pistas para algumas das características identitárias da capoeira da Grande Vitória.

Embora essa história do baiano Diabo Louro fosse contada por Luiz Paulo e por outros capoeiristas como Luizinho Teles (FILGUEIRAS, 2003), Odilon coloca em cheque esta versão. Ele nos contou em entrevista que Diabo Louro

ficou em Vitória por 1 ano e que nunca ninguém teve nenhuma comprovação dessa história de que a capoeira que ele ensinava era de Bimba.

Oliveira prossegue com a história:

Em território capixaba [Diabo Louro] apresentou as duas vertentes difundidas na Bahia: a capoeira Angola e a Regional. Segundo dados históricos, Diabo Louro deixou a cidade em 1976, no seu lugar assume seu aluno mais graduado: Binho, que ministrava suas aulas e treinos no bairro Jucutuquara e também para a elite capixaba no clube Praia Tênis (2019, p. 60).

Nosso documento de referência conta que muitos outros grupos começaram a surgir em Vitória. Ele cita nomes de alguns desses e bairros onde acontecia a prática da capoeira:

[...] em Fradinhos (Grupo Bangalô), Maruípe, Gurijica, Santo Antônio, Jardim da Penha (Grupo Gexá), e diversos outros bairros. Mestre Louro frequentava todas essas rodas onde sempre se sobressaía diante de qualquer adversário, provando ser o único Mestre de Vitória em sua época. Alguns desses grupos se extinguíram por mera falta de incentivo do governo e da população.

Vemos assim que a capoeira capixaba começa, no final dos anos 70, a adentrar bairros de classes econômicas mais altas.

No entanto, Binho não continuou ministrando aulas no Praia Tênis Clube. O autor do nosso documento conta que os capoeiristas tiveram que sair desse local por causa do preconceito e transferiram os treinos para o Clube Centenário, no bairro Praia do Canto. Segundo ele, os principais nomes da capoeira da época eram Bodão, Marcelo Guimarães, Carlito Medeiros e Binho.

Embora esses tenham sido nomes de destaque, segundo Mestre Luiz Paulo, a capoeira no Espírito Santo teve 3 raízes: mestre Diabo Louro, mestre Caio Resende e mestre Odilon (FILGUEIRAS, 2003).

Mestre Caio Resende, da cidade de Muqui – ES, voltou do Rio de Janeiro em 1973, começando a ministrar a capoeira em terras capixabas somente em 1977. Suas influências para a capoeira eram provenientes da Federação de Capoeira do Rio de Janeiro, conforme nos conta Filgueiras (2003). Ele fundou, então, o grupo Quilombo do Queimado, que ficou sob a responsabilidade do seu aluno Bininha, após sua morte em 1995. Segue um trecho dessa história

que está disponível no perfil do grupo Quilombo do Queimado na rede social *facebook*.⁹

Em 1973 Caio chega em Vitória (ES) com intuito de morar na cidade e mostrar seu trabalho. Tão pouco era divulgado a CAPOEIRA, que ele só veio saber da existência de outros CAPOEIRISTAS quase um ano depois que já dava aula. Foi numa roda na feira dos municípios, que ele manteve contato com Mestre Diabo Louro (Baiano, aluno de Mestre Ezequiel, que chegou em 1972 no ES), Binho (seu aluno), Odilon (Berimbazu) e o grupo Gexá de Jardim da Penha. Descobrimo que não estava sozinho na cidade, foi estimulado a continuar sua luta contra o preconceito e as dificuldades da época. Durante muitos anos Caio e Binho levaram a capoeira sem incentivos oficiais, sozinhos, acreditando estar em suas mãos, a sobrevivência desta arte em Vitória. Em 1976 Caio voltou ao Rio de Janeiro, onde treinou um ano intensivo com Mestre Falcão e Mestre Poeira, que o formaram. Retornando à Vitória em 1977, já formado, deu aula em diversas escolas e comunidades da grande Vitória, entre elas a Choupana no Bairro Colorado (V.V), com o nome Místico: “Grupo de Capoeira Feitiço”; por volta de 1976 mudou o nome para “Grupo Quilombo do Palmares”, permanecendo este nome até 1978. Por já existir grupo com este nome Mestre Caio resolveu trocar somente para “Palmares”; mais tarde este nome veio a ser mudado, o Grupo se chamaria “Associação de Capoeira Caio Cesar Rezende”. Mas, vendo ele que isto se tornaria muito otimista de sua parte, resolveu escolher outro nome para sua instituição, daí veio a ideia de dar o nome do último “Quilombo do estado do Espírito Santo”, mais específico na Serra. Daí veio o nome de “Associação de Capoeira Quilombo do Queimado” no qual se predomina até hoje.¹⁰

Abaixo segue imagem retirada do mesmo perfil do *facebook*:

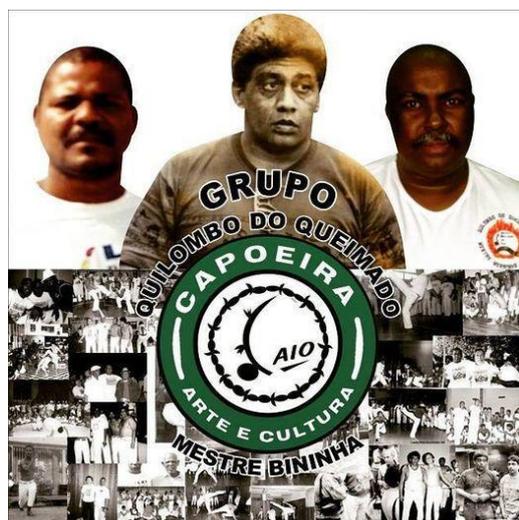


Figura 1: No centro, o rosto de mestre Caio Resende. À sua esquerda, mestre Bininha, e à sua direita, mestre Merrinho, ambos formados por mestre Caio.

⁹ Texto de autoria do mestre Silvio Roberto Santo Correia, aluno de mestre Bininha e autorizada para uso nesta pesquisa por diálogo via *whatsapp* no dia 18 de maio de 2021.

¹⁰ Trecho disponível em [\(20+\) Quilombo do Queimado — Publicações | Facebook](#). Acesso em 18 de maio de 2021.

Podemos dizer, então, que Caio Resende e seus discípulos tiveram como referência a capoeira carioca. Já Binho, teve como base a capoeira baiana de mestre Diabo Louro. No entanto, Filgueiras (2003) conta que, em 1976, depois que Diabo Louro foi embora do ES, Binho não deu continuidade ao trabalho e seus alunos Rogério Medeiros (mestre Capixaba)¹¹ e Luiz Paulo (mestre Luiz Paulo)¹² foram buscar conhecimento no Grupo Senzala do Rio de Janeiro.

Já mestre Odilon¹³ nos conta que aprendeu a capoeira regional em Brasília, na década de 70, com mestre Zulu. Este mestre funda o grupo Beribazu em 1972 (FILGUEIRAS, 2003) e, em 1973, Odilon volta para o Espírito Santo e começa a dar aulas de capoeira em Colatina.

Vale dizer que mestre Odilon faz questão de destacar que ele era o único mestre diplomado ministrando aulas no Espírito Santo. Ele recebeu seu diploma, com registro no MEC, em 1975 pelas mãos de Mestre Zulu. Em 1976, Odilon vai para Vitória e começa a dar aulas na capital a convite da professora da UFES, Adelsira Madeira.

Foi a partir do trabalho na Escola de Música de Vitória, que começou o vínculo com a Universidade Federal do Espírito Santo, à medida que tal trabalho era assessorado pela sub-reitoria de assuntos comunitários desta universidade. Com a iniciativa de Odilon e o grande apoio recebido pela professora Adelsira Madeira, responsável pela coordenação de folclore da UFES, deu-se início a um processo de divulgação da capoeira na Universidade e no Estado. As aulas propriamente ditas começaram entre 79 e 80, por iniciativa do irmão mais novo de Odilon, Carlos Henrique Vieira, que a princípio foi aluno do curso de economia e depois mudou para o curso de educação física da UFES (FILGUEIRAS, 2003, p. 33).

Mestre Odilon narra que na década de 70, na Grande Vitória, a capoeira era um tanto agressiva e já competitiva entre os diferentes grupos. Ele disse que, por vezes, capoeiristas tentavam visitar o seu espaço de aulas para “quebrar tudo”, mas sem sucesso. Nesses momentos a capoeira virava luta, mas ele prossegue ressaltando que isso acontecia somente em momentos de roda,

¹¹ Rogério Sarlo de Medeiros Filho foi formado mestre pelo grupo ABADÁ Capoeira. Este grupo surgiu da cisão do grupo Senzala em 1988.

¹² Luiz Paulo Lima Nunes foi formado mestre pelo grupo Senzala.

¹³ Odilon Dias Vieira, nascido em 1951, na cidade de Alegre – ES e formado mestre pelo grupo Beribazu de Brasília.

pois quando se encontravam na rua, todos eram colegas e formavam uma “irmandade” da capoeira.

Naquela época os grupos de capoeira realizavam rodas de rua sem muita periodicidade ou local fixo. Nessas rodas, jogos mais perigosos aconteciam. Mestre Odilon destaca que no Beribazu eles sempre prezavam a não violência e o respeito, contudo ele permitia que seus alunos frequentassem essas rodas, sempre os orientando a participar somente se estivessem preparados.

As rodas não seguiam certos padrões de tradição, como se vê atualmente, conta mestre Odilon. Às vezes a roda tinha 1 berimbau e 1 pandeiro, ou nem se batia palmas, e mesmo assim se fazia roda, como vemos na foto abaixo. Ele denuncia que, hoje, os capoeiristas são mais vaidosos, fazem questão de muita coisa para a capoeira acontecer e não se colocam para aprender com humildade, como os capoeiristas de antigamente.



Foto 4: Roda de batismo e graduação do grupo Beribazu em 1986 na cidade de Serra-ES.
Arquivo de mestre Fábio.

Outro aspecto importante, que nos chamou atenção na fala de mestre Odilon é que ele sempre prezou pela presença da “religiosidade africana” na capoeira. Ele diz que uma capoeira sem essa presença é uma “agressão cultural” e reclama a existência de práticas de capoeira que negam essa africanidade. Ele até criticou alguns grupos atuais que tentam retirar da capoeira esses elementos sagrados. Essa fala nos faz lembrar que, até a década de 90, os grupos de capoeira apresentavam muito mais esses traços do candomblé e da umbanda¹⁴ do que na atualidade. Era comum presenciar capoeiristas se benzendo e desenhando símbolos no chão, ou cantando músicas que falavam de orixás, ou até carregando um patuá pendurado no pescoço.

Merece registro, também, as rodas de rua que aconteciam, anualmente, na Feira dos Municípios.¹⁵ Mestre Odilon relatou que ele preparava bem os seus alunos fisicamente e levava todos nesse evento, quando eles jogavam com capoeiristas de muitas cidades diferentes. Suas orientações eram: “não sejam agressivos, seja sempre o defensor, que o agressor vai se cansar primeiro que você!” (entrevista concedida no dia 23 de março de 2021).

No ano de 1979, mestre Odilon para de dar aulas de capoeira para se dedicar mais à sua profissão e seu irmão, Carlos Henrique, prossegue com o trabalho de capoeira na UFES até 1986. Mestre Odilon diz que nunca parou a capoeira, mas hoje, ele não frequenta mais rodas e prefere manter-se como pesquisador desta arte.

Deste modo, corroboramos com Filgueiras (2013), Oliveira (2019) e Almeida (2020) que a capoeira na Grande Vitória teve maior influência da capoeira do Rio de Janeiro. Inclusive, até o grupo Beribazu recebeu influências do Rio, pois mestre Zulu (o fundador do grupo) foi aluno do grupo Senzala de Brasília (FILGUEIRAS, 2013). Consequentemente, o grupo Beribazu de Vitória possui traços dessa capoeira carioca.

¹⁴ Candomblé é uma religião desenvolvida no Brasil que traz elementos de religiosidade de algumas etnias africanas. A Umbanda também é brasileira, proveniente de um processo sincrético entre o candomblé, espiritismo, catolicismo e tradições indígenas (ALMEIDA, 2020).

¹⁵ Este evento começou na década de 70, no bairro de Jardim Camburí, e trazia barracas com produtos de vários municípios do Espírito Santo.

Podemos afirmar, também, que a capoeira da Grande Vitória nunca foi nem Angola e nem Regional. Tanto por influência de Diabo Louro quanto por influência do Senzala, a capoeira capixaba sempre foi uma grande mistura de tradições e práticas dos dois estilos, com um toque da cultura local.

Mestre Fábio¹⁶ também contribui para compreendermos o trajeto histórico da capoeira na Grande Vitória. Ele conta que a primeira vez que viu uma roda de capoeira foi na Feira dos Municípios, em 1978, no Clube Álvares Cabral. Ele diz que a roda era “tensa” e se lembra de alguns capoeiristas capixabas já participantes nessa roda: Caio, Bininha, Carlos Henrique e Odilon.

Cabe destacar, novamente, o aspecto de violência existente nas rodas da década de 70 e 80. Mestre Fábio nos contou que, por vezes, a capoeira jogada nas rodas que aconteciam nas ruas era agressiva, com caráter de luta, no entanto, havia uma camaradagem entre os capoeiristas. Odilon e Fábio deixam claro que os praticantes não eram inimigos, mas quando se encontravam na roda e tocava o São Bento Grande,¹⁷ “o pau quebrava”.

Essa situação gerava uma certa representação social para capoeira capixaba que reverberou por muito tempo em sua aceitação pela população da Grande Vitória. Tanto mestre Odilon quanto mestre Fábio, narram que a capoeira não era bem vista pela sociedade da época, tanto por sua história antiga ligada à escravidão negra, quanto por esse aspecto violento que ela, por vezes, apresentava. Mestre Fábio também lembra que a época ainda era de ditadura militar no Brasil e que, em muitas rodas, eles percebiam o olhar vigilante da polícia.

Ainda que se lembre de alguns fatos da década de 1970, Fábio iniciou sua prática na capoeira em 1980 no projeto de extensão da UFES. Seu mestre era o Carlos Henrique, irmão de Odilon e Iris que também praticavam capoeira pelo grupo Beribazu. Por volta de 1985, Fábio assume o projeto de capoeira na

¹⁶ Fábio Luiz Loureiro, nascido em 1965 na cidade de Vitória- ES. Formado mestre pelo grupo Beribazu em 1992.

¹⁷ São Bento Grande é o nome de um dos toques de berimbau que dita a forma como os praticantes jogam a capoeira na roda. Por ser um toque mais acelerado e com características de jogo mais objetivo e incisivo, este toque parece incitar a agressividade dos capoeiristas. Mestre Fábio conta que o “pau quebrava” quando começava o São Bento Grande.

UFES no lugar de Mestre Carlos Henrique, e fica supervisionado, por um tempo, pelo mestre Odilon.

Fábio recebe a corda de mestre em 1992. Neste momento, queremos destacar o fato de que os mestres até aqui apresentados se formaram com um tempo de prática de 5 a 12 anos. O próprio mestre Fábio aponta que, naquele tempo, formar-se mestre não demandava tantos anos de caminhada na capoeira como é hoje. Atualmente, o praticante de ter de 25 a 30 anos de capoeira para receber este título.

Quando ele começou a dar aulas na UFES, as turmas eram muito lotadas e tinham que ser divididas em salas. Existiam, também, mulheres, mas a participação delas ainda era tímida, como conta mestre Fábio. Na década de 90 essa participação aumenta e muitas se tornam “atletas” de capoeira, pois neste tempo as competições de capoeira ganham destaque. Vale aqui destacar que as mulheres capoeiristas de grupos diferentes não eram muito amistosas umas com as outras, por isso os conflitos entre elas eram quase certos, quando se encontravam nas rodas.

Acreditamos que a capoeira começa a receber um olhar diferente da sociedade capixaba quando ela adentra espaços formais de educação e se aproxima do esporte de rendimento com as competições. Mestre Odilon e mestre Fábio destacam em suas falas, que o grupo Beribazu sempre buscou instituições educacionais para ensinar a capoeira. Esse grupo era visto pela comunidade da capoeira da Grande Vitória, por um bom tempo, como mais “elitizado”, por conseguir alcançar um público de classes sociais mais abastadas.

Certamente, os grupos de capoeira da Grande Vitória foram influenciados por essa visão educacional pioneira do grupo Beribazu. A maioria dos treinos dos outros grupos de capoeira acontecia em Clubes e/ou em espaços comunitários até a década de 90. A repercussão desse trabalho dentro das escolas, das faculdades e também das comunidades mais pobres, chegava aos ouvidos dos outros capoeiristas, que mais tarde, passaram a buscar, também, esses locais para ministrar suas aulas.

Foi na década de 90 que o JEB's (Jogos Escolares Brasileiros) ganha força no Espírito Santo. Existente desde o ano de 1976, esse evento do Governo Federal, promovia campeonatos de várias modalidades e fomentava o esporte escolar e universitário. A edição de 1986 aconteceu em terras capixabas, contando com Mestre Fábio como coordenador geral e mestres Caio Resende e Luiz Paulo como coordenadores de roda e ritmo, respectivamente.

Mestre Fábio deixa registrado que nesse evento vieram mestres e capoeiristas de todo o Brasil e que ele auxiliou na escrita do primeiro regulamento nacional do JEB's. Esse regulamento é seguido até hoje, com poucas alterações, segundo ele.

Apesar do sucesso dessa edição, parece que somente a partir de 1990 que essa competição fica mais popular entre a comunidade capoeirística da Grande Vitória. As categorias de atletas capoeiristas eram divididas por faixa etária e por peso. Muitos capoeiras passaram a treinar para esse evento e, pela primeira vez, competiram pela capoeira do seu estado.

Nas décadas de 80 e 90 as rodas de rua continuavam a acontecer, mas também, os grupos faziam rodas de apresentação. O grupo Beribazu era muito chamado para apresentações em eventos e, por isso, fazia poucas rodas de rua, contou mestre Fábio. Ele destaca as rodas de rua que sempre aconteciam na Praia de Camburí, na Praça de Jardim de Penha e a roda na Praça Costa Pereira.

Ao ser perguntado como era a relação dos alunos com os mestres de capoeira daquela época, mestre Fábio nos contou que era uma relação um tanto autoritária, pois foi assim que aprenderam a capoeira e, alguns desses mestres, eram policiais (como o Carlos Henrique e o Caio Resende). Os treinos enfatizavam bastante a repetição dos gestos, tornando a capoeira um tanto "robotizada" e com gestos padronizados, marcando a identidade de cada grupo. Isso, em certa medida, afastava a capoeira da malícia, da malandragem e do improvisado que tanto caracterizam esse jogo/luta.

Fábio ressalta que, para ele, essa relação foi sofrendo uma mudança a partir da década de 90, pois começaram a surgir mais estudos sobre a capoeira,

essa manifestação passou a adentrar mais as escolas, alguns capoeiristas começaram a estudar Educação Física e a trazer esse conhecimento para dentro do universo capoeirístico. A partir desta década o número de grupos de capoeira no Espírito Santo aumenta bastante.

Já nos anos 2000, mestre Fábio percebe que há um grande resgate das tradições da capoeira, por meio de uma aproximação dos grupos de capoeira contemporânea com as escolas de capoeira Angola. Esse movimento não foi só no Brasil, mas no mundo todo. Desse modo, a capoeira contemporânea capixaba também acompanha esse processo, e os grupos mais organizados passam a prezar por rituais e elementos que nas décadas de 70 até 90 não tinham tanta importância. Citamos como exemplo a rigurosidade de uma bateria com 3 berimbaus, 1 atabaque e 1 pandeiro, pelo menos; o respeito ao berimbau gunga como comandante da roda; a valorização da malandragem e do improviso no jogo; a ordem das cantigas durante a roda e etc.

Ao mesmo tempo que isso acontece, a capoeira capixaba, num movimento contraditório, parece se distanciar daquela religiosidade africana, valorizada por mestre Odilon, na entrevista que nos concedeu. Enquanto naquele tempo, essa relação com o sagrado afro-brasileiro parecia ser parte da essência da capoeira, dos anos 90 em diante, os grupos começam a se aproximar de uma prática mais esportivizada e menos “sacra”.

Confirmando essa ideia, trazemos o estudo de Almeida (2020) que verificou que a capoeira contemporânea teve mais aceitação pela população da Grande Vitória do que a capoeira Angola. Ela destaca que

[...] o estado do Espírito Santo está entre os que possuem maior concentração de evangélicos no Brasil. Este fato influencia tanto na adesão de praticantes à capoeira, bem como, o afastamento de tudo que menciona outras religiões, por parte dos professores de capoeira Contemporânea. Deste modo, eles oferecem aos seus clientes uma capoeira mais laica, que o oportuniza diversas manifestações religiosas ou nenhuma delas.

Prosseguindo na narrativa de mestre Fábio, o que marca a trajetória da capoeira nos anos 2000 até a atualidade é o contato e a busca dos capoeiristas com o conhecimento acadêmico. O interesse da comunidade capoeirística por estudos da História, da Antropologia, da Sociologia, da Pedagogia do Esporte,

da Educação Física e áreas afins, nunca foi tão grande. Isso reverbera na modificação dos treinos, dos jogos nas rodas e da relação entre os capoeiristas.

Isso é tão verdade, que Oliveira (2019) registra que, atualmente, as rodas de capoeira na Grande Vitória são organizadas de maneira oficial e institucionalizadas. As redes sociais tem papel importante nesse processo:

Tendo como referência o processo de mapeamento da capoeira no Espírito Santo, realizado pelo IPHAN, as rodas deixaram de ter o caráter espontâneo, como acontecia outrora. Nos dias atuais, os grupos marcam a realização de rodas em determinados horários e locais, onde seus membros e visitantes se encontram para jogar [...]. Neste contexto, as redes sociais ganharam uma importância significativa para a propagação das informações, estabelecendo uma rede de contato mais rápida de vinculação dos locais e horários das rodas (OLIVEIRA, 2019, p. 61).

Outra mudança verificada por Oliveira foi com relação à transmissão do saber da capoeira:

Ao longo da história, as aulas são o espaço primordial para o aprendizado, mas, atualmente, a roda deixou de exercer a função didática como ocorria em tempos passados. A roda, pelo que se notou, é um momento em que aqueles que já têm noções de capoeira testam seu aprendizado com os movimentos. As rodas são momentos de exibição e aperfeiçoamento dos capoeiristas (IPHAN, 2017, apud OLIVEIRA, 2019, p. 61).

Hoje, muitas rodas que acontecem na Grande Vitória reúnem os grupos de capoeira em propósitos maiores do que somente apresentar a cultura para a população local. Como exemplo, temos o evento “Aulão da Amizade” que reúne inúmeros grupos de capoeira com fins de fortalecer e firmar vínculos e parcerias entre eles e promover conhecimento sobre a capoeira; as rodas do Coletivo Zacimba Gaba que é uma proposta de reunião de mulheres capoeiristas para fortalecer sua representatividade dentro da capoeira, formar e fortalecer vínculos, realizar apresentações e eventos e etc.

Buscamos assim, traçar um percurso histórico em ordem cronológica dos acontecimentos. A seguir apresentaremos as considerações finais, apontando para as principais características da capoeira contemporânea da Grande Vitória-ES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da capoeira contemporânea capixaba é marcada por disputas simbólicas entre os primeiros mestres que ministraram aulas de capoeira na Grande Vitória-ES. Tanto nas falas de mestre Odilon quanto de mestre Luiz Paulo é possível observar a busca por legitimação de suas histórias. A começar pelas aparições iniciais da capoeira na região: mestre Odilon afirma que foi em 1964, com Coelho, também ligada ao samba; mestre Luiz Paulo sempre contava que foi com Nerci Cardoso, na ala de uma escola de samba capixaba.

Enquanto mestre Luiz Paulo, se dizia o mestre mais antigo da capoeira capixaba, mestre Odilon afirma que, na década de 70, ele já era mestre legitimado com diploma, documento que nenhum outro mestre portava.

A história de Diabo Louro também é controversa: mestre Luiz Paulo exaltava a figura de Diabo Louro como grande capoeirista e aquele que alavancou a capoeira na Grande Vitória; já mestre Odilon, desconfia das origens da capoeira de Diabo Louro e de sua índole, já que chegou fugido ao Espírito Santo e rapidamente foi embora.

Não temos registros documentais dessas histórias, mas é fato que na década de 70 a capoeira já ganhava mais espaço na região investigada por este estudo. Conforme apresentamos foi uma capoeira sem estilo definido, nem Angola, nem Regional, mas uma mistura de estilos com fortes influências da capoeira carioca.

Logo de início as rodas de capoeira na rua não tinham tanta periodicidade, nem o interesse de manter jogos bonitos para apresentar ao público. O que marcava esses encontros de capoeiristas eram os jogos violentos que aconteciam entre praticantes de grupos diferentes. Embora o “pau quebrasse” nesses momentos, a camaradagem entre eles sempre existiu. O jogo mais agressivo era desejado e estimulado pelos capoeiristas da época. As rodas que merecem destaque são a roda da Feira dos Municípios e a roda da Praça Costa Pereira.

Outra marca da capoeira capixaba das décadas de 70 e 80 era a relação autoritária e mestres e alunos. Os treinos enfatizavam a repetição de gestos e

já esboçavam a construção de padrões de movimentos que passaram a marcar o jeito de jogar e de se comportar de cada grupo. A maioria deles se reunia em Clubes e/ou espaços comunitários para treinar e tinham o costume de visitar o local de treino de outro grupo.

A sociedade capixaba desse contexto não via capoeira com bons olhos. Os mestres narraram que percebiam certo preconceito. No entanto, foi nas décadas de 80 e 90 que a capoeira começa a adentrar espaços educacionais e campeonatos de capoeira chegam ao Espírito Santo. Isso auxilia no processo de mudança da representação que a capoeira tinha na sociedade e até o número de mulheres passa a crescer nos treinos e nas rodas da Grande Vitória.

A capoeira capixaba não precisava de muitos padrões tradicionais para se manifestar. Rodas improvisadas sempre aconteciam, no entanto, entre as décadas de 90 e os anos 2000 isso passa por um processo de mudança. Há um resgate das tradições da capoeira e os estudos sobre essa manifestação começam a crescer e a influenciar os capoeiristas. Essa situação modifica não somente a configuração das rodas, mas as metodologias de treinos, a relação entre mestres e alunos, o formato das apresentações, a relação entre capoeiristas de grupos diferentes e etc.

Os grupos de capoeira da Grande Vitória manifestam, em sua maioria, a capoeira contemporânea. Tanto as influências da capoeira carioca quanto aspectos culturais e religiosos fizeram com que esse “estilo” fosse mais bem aceito nessa sociedade.

Embora as disputas identitárias dos grupos ainda existam, a capoeira capixaba se tornou mais organizada, mais fundamentada e mais politizada. Atualmente, alguns grupos com certas afinidades se unem para promover eventos que fomentam tanto o encontro entre capoeiristas quanto o conhecimento científico acerca dessa prática cultural. As rodas são oficiais e institucionalizadas e a participação de outros capoeiristas depende de convite. O propósito também ultrapassa o mero encontro de camaradagem e visa dar a capoeira uma representatividade nos assuntos mais relevantes da sociedade atual.

REFERÊNCIAS :

ABREU, Frederico José de. **Capoeiras - Bahia, Século XIX**: imaginário e documentação. Vol. 1, Salvador, Instituto Jair Moura, 2005.

ALMEIDA, Juliana Azevedo de. **A reflexividade dos discursos identitários na capoeira**. 2008. 151 f. Dissertação (mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

ALMEIDA, Juliana Azevedo de. As (im)possíveis relações entre a capoeira capixaba e o candomblé. **Revista Ágora**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. e-2020310210, 2020. DOI: 10.47456/e-2020310210. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/30792>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caíres. **A capoeira na sociedade do capital**: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

FILGUEIRAS, Joanna de Paula. Tá tudo dominado: a institucionalização da capoeira. *Textos e Debates*, n. 10, p. 23-41, 2003. Disponível em: [Textos e Debates No 10.pdf \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 04 abril 2021.

OLIVEIRA, Elvis Reis de. **Iê, viva a capoeira, camará! Apropriação do espaço pela capoeira de Vitória-ES: Consolidando a identidade cultural e ampliando a cidadania**. 2019. 170 f. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2019.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: Ensaio Sócio-Etnográfico. Editora Itapoá, Salvador – BA, 1968.

SOARES, Carlos E. L. **A negregada instituição**: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava** e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850. 2ª ed. Campinas, Editora da. Unicamp, 2004.

VIEIRA, Carlos Henrique. **A inteligência da cultura popular**: uma etnografia da capoeira. 1. ed. Vitória, ES: Leitura Fina, 2016. 144 p.